

APRENDENDO A CONVIVER NA ESCOLA VIRTUAL EM TEMPOS DE PANDEMIA

LAVÍNIA DE MELO E SILVA XIMENES

Doutora pelo Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco, lavinia.ximenes@ufpe.br;

ADRIANA LETÍCIA TORRES DA ROSA

Doutora pelo Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco, adriana.rosa@ufpe.br;

JOSÉ BATISTA DE BARROS

Doutor pelo Curso de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, professor do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco, jose.barros@ufpe.br;

PAULA ROBERTA PASCHOAL BOULITREAU

Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco, roberta.boulitreau@ufpe.br.

RESUMO

Este estudo tem por objetivo refletir sobre como aprender a conviver na escola virtual em tempos de pandemia. Retrata a percepção de 48 estudantes matriculados(as) no 7º ano do ensino fundamental, no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco (CAp-UFPE), com idade cronológica entre 11 e 13 anos. O tema do aprender a conviver foi pautado em aulas síncronas e atividades pedagógicas na 1ª unidade no ano letivo de 2021, resultando em uma produção textual que serviu de instrumento base para o estudo. Os textos foram analisados à luz da Análise de Conteúdo (AC), sendo elencadas 8 (oito) categorias mediante os processos próprios da referida abordagem de análise. Os dados categorizados são reveladores do olhar atento com que os(as) participantes vêm experienciando as muitas mudanças vividas no ambiente escolar em função da Covid-19, associados a estudos desenvolvidos. Aprender a conviver no espaço virtual da escola em tempos de pandemia tem sido um desafio diário, mobilizando toda a comunidade escolar no sentido da superação das dificuldades inerentes ao saber fazer em um contexto não planejado, nem constituído para funcionar enquanto espaço virtual de aprendizagens e de formação escolar, principalmente na educação básica. A interação e a convivência no ambiente escolar virtual tendem a se modificar gradativamente por ocasião do período pandêmico, instituindo novas modalidades de saberes e fazeres, demandando o estabelecimento coletivo e democrático de uma organização curricular que acolha conhecimentos e competências que atendam ao aprendizado e desenvolvimento humano em sua totalidade e integralidade.

Palavras-chave: Aprender, Conviver, Pandemia, Ensino remoto, Espaço virtual.

INTRODUÇÃO

O papel e a função da escola no que tange à formação e humanização do ser humano há muito vêm sendo questionados, particularmente com o advento de tendências que, na atualidade, se impõem à prática educativa, tais como: os grandes avanços tecnológicos e científicos, particularmente o uso do computador, o acesso à internet e às redes sociais, além das dimensões político-econômicas do processo de globalização, os direcionamentos culturais, sociais e pessoais da modernidade, a diversidade de informações na era da pretensa democratização do conhecimento, a luta e a defesa dos direitos humanos. Sob a égide da crise da cultura e das incertezas trazidas pelo desenvolvimento desigual e contraditório do capitalismo, o espaço acadêmico-escolar, bem como as práticas pedagógicas passaram a sofrer o impacto de diferentes narrativas; ora dando relevância à formação da pessoa historicamente construída, dotada de autonomia, liberdade, capacidade crítico-racional para posicionar-se frente às injustiças e desigualdades, ora reafirmando práticas excludentes, alienantes, dentre outros fenômenos sociais que, ainda nos dias atuais, explicitam um ar de perplexidade entre os educadores e os professores que se veem alvo e reféns de uma sociedade deteriorada em suas referências éticas e humanas (GARDNER, 1999; RIGAL, 2000; ARROYO, 2007; XIMENES, 2013).

Os dilemas e os impasses, que circunscrevem a organização do campo educacional, ficam assim atravessados por manobras ideológicas implicadas tanto nos textos legislativos quanto nas políticas públicas pensadas para a educação em nosso país. Nessa perspectiva, as diretrizes pensadas para a educação, particularmente para a educação escolar, não se configuram uma ação de cultivo humanizado no sentido de *vir a ser*, esvaziando e destituindo de sentido qualquer investimento feito na direção de uma formação para a cidadania e seu caráter democrático (XIMENES e POLICARPO JUNIOR, 2018b).

Há uma crise latente na educação brasileira atribuída à má qualidade de ensino, entendida como a implicação de um conjunto de fatores, agravados ao longo dos anos, por uma política pública de sucateamento e mercantilização do ensino no país. A comunidade escolar, formada por pais, alunos, docentes, gestores e parceiros da sociedade, tem sido refém do descaso e da barganha política há anos. Todavia, a crise atual do modelo educativo adotado em praticamente

todo o território nacional é agravada pela estrutura engessada e nada desafiadora das escolas, seja no formato da sala de aula, seja da própria aula em si, seja, ainda, dos espaços físicos nas unidades escolares (SILVA e CAMARGO, 2015, p.136).

Diante de tais considerações, Gardner (1999) reflete sobre a inadequação das escolas atuais, expressando preocupação que decorre tanto das demandas e exigências referentes à dinamicidade do currículo como da ressignificação da meta formativa do humano. Tal postura o leva a defender a explicitação da missão da escola “em termos de papéis, valores, competência notacional, conhecimento disciplinar” (GARDNER 1999, p.134), além de enfatizar a relevância de aspectos intuitivos e/ou não explicitados no currículo, porém evidenciados mediante condutas e atitudes de determinados indivíduos nela inseridos ou mesmo como expressão do coletivo da comunidade escolar e, acrescentamos, da sociedade na qual está inserida.

Contudo, nesse contexto e nessas circunstâncias, a educação passa a se referir, prioritariamente, ao ensino formal com fins de preparação do indivíduo para uma determinada atividade social, o que, na visão crítica de Rodrigues (2001, apud XIMENES, 2013), embora possibilite ao mesmo o acesso ao conhecimento e habilidades, a preparação para o mundo do trabalho, o acesso ao desenvolvimento tecnológico e a participação crítica na vida política, não constitui a totalidade do processo de formação humana. O referido autor deduz e destaca, então, que o domínio de conhecimentos científicos ou do desenvolvimento de habilidades não forma o cidadão ético e humanizado, afirmando que “essa formação ética é uma necessidade do processo formativo humano, que não pode ser reduzida a uma simples tarefa de produção, organização e distribuição de conhecimentos e habilidades” (RODRIGUES, 2001, apud (XIMENES, 2013, p.81).

Esse modo de pensar a educação hoje, ratifica todo o processo de ruptura e deslocamento no qual vive a sociedade no fim da modernidade, impulsionando os indivíduos implicados no processo de formação à apropriação dos princípios para a aprendizagem, propostos por Delors (2003), quando do Encontro Internacional sobre a Educação para o Século XXI: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Tais princípios apontam para modalidades de aprendizagem que sejam significativas e que retratem todo o esforço na construção e manutenção do que há de mais humano em cada indivíduo: conhecer o mundo circundante e nele imprimir algo em que se reconheça enquanto único, num contexto de

relações estabelecidas, estruturando-se na condição de sujeito ético, cidadão criativo atento à organização e à condução da vida no âmbito pessoal e coletivo (XIMENES, 2013).

Na visão de Policarpo Junior (2006, p.8), “as finalidades do “aprender a conhecer” e do “aprender a fazer” não estão divorciadas do objetivo de “aprender a viver juntos”, de forma que as dimensões normativas da busca da verdade e da utilidade estão igualmente articuladas à dimensão normativa da ética.” Conhecer, fazer, viver juntos e ser constituem-se elementos mutuamente interligados num mundo voltado para a educação e o trabalho produtivo. Mundo do conhecimento a ser apropriado mediante o uso de instrumentos, do fazer consciente e não superficial, do convívio ético e respeitoso diante da diversidade, da autonomia do ser singular e responsável, concebido em sua totalidade (XIMENES, 2013). Visão essa que reafirma o pensamento freiriano o qual enfatizava a “ideia de que educar é conhecer, é ler o mundo, para poder transformá-lo”, defendendo a educação como [...] “ato dialógico e, ao mesmo tempo, rigoroso, intuitivo, imaginativo, afetivo” (GADOTTI, 2019, p.136-137).

Desse modo, a partir da transformação progressiva e sistemática do olhar, do pensar, do sentir e do agir, de pessoas e grupos sociais na contemporaneidade, será possível vislumbrarmos mudanças significativas no processo de humanização dos indivíduos, na configuração dos paradigmas e das políticas públicas que regem a educação e a formação acadêmico-escolar nas instituições de ensino básico (XIMENES, 2013).

É nesse cenário tão desafiador para o campo educacional e escolar, que a incidência da pandemia do SARS-CoV-2, a Covid-19, impõe a urgência de um novo ordenamento formativo-escolar que se adeque às exigências de isolamento e distanciamento social, sem perder de vista a tarefa formativa do humano. A suspensão das atividades letivas presenciais e a necessidade de retomada das aulas numa perspectiva de ensino remoto e/ou ensino híbrido, mediante o uso de tecnologias ativas, lança sobre a educação escolar e a formação de professores desafios jamais pensados, tampouco planejados para execução imediata.

No contexto do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco (CAp-UFPE)¹, os encaminhamentos para a sistematização das

1 Colégio de Aplicação, escola pública da rede federal de educação básica, inserido no campus da Universidade Federal de Pernambuco, na cidade do Recife (PE), destina-se à formação de discentes nos níveis de ensino fundamental (anos finais, do 6º ao 9º ano) e ensino médio.

atividades letivas no formato de ensino remoto, foram guiados pelos fundamentos do Projeto Pedagógico escolar, que expressa o modo sistemático e legítimo como é “concebida, planejada e avaliada a proposta educacional da instituição, visto que estruturado de forma coletiva e democrática pelos seus representantes”, além de retratar “os valores, as intenções, as metas e as prioridades da instituição que, dotados de autonomia e criatividade, estabelecem as estratégias e os procedimentos que julgam relevantes na perspectiva da formação de seus educandos” (PP-Cap, 2016, p.16). Formação humana e cidadã, que remete ao compromisso ético, à consciência de seus direitos e deveres, às relações de igualdade, de respeito às diferenças e à diversidade, às relações de poder, à justiça social, à valorização da vida na e para a coletividade.

Na visão de Barros, Rosa, Ximenes e Diniz (2019), o Projeto Pedagógico configura-se ora como documento prescritivo, visando ao cumprimento de metas estabelecidas, ora como inovação emancipatória, “que integra em si os movimentos de ruptura com o instituído, refletindo a dinâmica entre a realidade da escola e o contexto social mais amplo” (p.19).

De acordo com seu Projeto Pedagógico (PP-Cap, 2016), o Cap-UFPE “tem como missão desenvolver, de forma indissociável, atividades de ensino, pesquisa e extensão com foco nas inovações pedagógicas e na formação docente inicial e continuada” (p.33), configurando-se num contínuo exercício de reflexão e de um “pensar em/e com horizontes ampliados, plurais e abertos, seguindo uma perspectiva geral da instituição que explicita uma proposta de sociedade, pessoa, educação e escola” (p. 34).

Com uma missão assim estabelecida pela coletividade escolar, os direcionamentos e estratégias pensadas para a retomada das atividades de ensino e aprendizagem demandaram esforços conjuntos dos servidores, docentes e técnicos, no sentido de adequar e imprimir uma rotina escolar aos protocolos instituídos de distanciamento e isolamento social sem, contudo, perder de vista a essência do que se projetou como meta formativa em seu PP: “rever constantemente suas práticas pedagógicas, desenvolver os conteúdos numa perspectiva contextualizada, trans e interdisciplinar, interagir com as novas tecnologias [...]” (PP-Cap, 2016, p.40).

As atividades desenvolvidas no formato de ensino remoto foram e continuam sendo desafiadoras à prática docente, particularmente frente às especificidades do ensinar e do aprender e ao desenvolvimento de estudos e pesquisas que retratem como tem sido processado pelos diferentes atores da comunidade escolar a experiência vivida no cenário da atual pandemia.

Ressaltamos que no âmbito da escola, a promoção da aprendizagem mediante uso de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), constitui-se um imperativo, na medida em que tira os atores do cenário educativo – particularmente os docentes e os discentes – do “conforto” dos espaços físicos palpáveis e da relação presencial, transportando-os para um ambiente virtual, com pouca semelhança com os espaços reais. Partimos do pressuposto de que o acesso a ambientes virtuais de aprendizagem na educação básica favorece os processos de humanização das relações na escola e de formação educativa em rede.

Na perspectiva de Ximenes (2018a, p.10), “o acesso a ambientes virtuais de aprendizagem na educação básica favorece os processos de humanização das relações na escola e de formação educativa em rede”, sendo ainda ressaltado pela autora que, conseqüentemente, “a relação didático-pedagógica no ambiente virtual de aprendizagem se consolida através de metodologias interativas e dialógicas, envolvendo a tríade professor-aluno-conteúdo” (*idem*).

O acelerado desenvolvimento das tecnologias digitais de informação e de comunicação (TDICs) tem promovido mudanças significativas no modo como as relações humanas têm se organizado, repercutindo diretamente no espaço escolar, demandando urgente reordenação de um projeto formativo-educacional que atenda às exigências contemporâneas de fazer circular distintos conhecimentos e saberes em várias áreas de atividade humana. Identifica-se, desse modo, novas formas de lidar com a aprendizagem e a educação escolar, além de mobilizar os diferentes atores a um novo sentir-pensar-agir caracterizado pela dialogicidade, criticidade, criatividade e descentralização do saber, apropriado ao processo de humanização, ao ensino e à aprendizagem nos ambientes virtuais (XIMENES, 2018a, p.13).

Aprendizagens que, na perspectiva de Moran (2015), vão sendo construídas mediante um contínuo e colaborativo diálogo entre grupos e indivíduos, tecidas e elaboradas entre fazeres e dizeres que retratam o coletivo e o personalizado.

A aprendizagem acontece no movimento fluido, constante e intenso entre a comunicação grupal e a pessoal, entre a colaboração com pessoas motivadas e o diálogo de cada um consigo mesmo, com todas as instâncias que o compõem e definem, em uma reelaboração permanente. Em um mundo

tão dinâmico, de múltiplas linguagens, telas, grupos e culturas, cada um de nós precisa – junto com todas as interações sociais – encontrar tempo para aprofundar, refletir, reelaborar, produzir e fazer novas sínteses (MORAM, 2015, p.32).

Diante do exposto, este estudo tem por objetivos refletir sobre como aprender a conviver na escola virtual em tempos de pandemia, além de identificar junto aos discentes que aspectos são destacados como mobilizadores nesse processo vivido a partir da modalidade de ensino remoto. Retrata a percepção de 48 estudantes matriculados(as) no 7º ano do ensino fundamental, sendo 20 estudantes do sexo masculino (identificados pelos números ímpares - A1, A3, A39) e 28 estudantes do sexo feminino (identificadas pelos números pares - A2, A4, 56), com idade cronológica entre 11 e 13 anos. Os(as) participantes foram desafiados a refletir sobre a questão *como aprender a conviver no espaço escolar virtual?*, considerando as possibilidades e as dificuldades vividas no formato de ensino remoto implementado no CAP.

O tema do aprender a conviver foi pautado em aulas síncronas e atividades pedagógicas na 1ª unidade de ensino nesse ano letivo de 2021, possibilitando uma produção textual em que os(as) participantes puderam discorrer sobre o tema proposto.

Os textos foram analisados à luz da Análise de Conteúdo (AC), de Bardin (1977), que, no dizer de Franco (2008, p.19), tem como “ponto de partida a Mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada.”

Para fins deste estudo, lançamos mão dos seguintes processos fundamentais no uso metodológico da AC: a codificação, a categorização e a classificação das unidades de registro (BARDIN, 1977).

A elaboração do referencial de codificação para a análise textual, teve como princípio organizador a Categorização que, seguindo o pensamento de Bardin (1977, p.119), tem por objetivo “fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos”. Desse modo, ainda para Bardin (1977, p.117), “as categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns destes elementos”.

Com o intuito de evidenciar um sistema de categorias que ampliasse a nossa visão sobre quais elementos organizadores estão contidos na visão dos(as) estudantes sobre o tema proposto, codificamos os textos redigidos,

fracionando-os em Unidades de Registro (UR) que pudessem expressar, com maior fidedignidade, transparência e coerência, a análise e interpretação dos dados identificados.

Ressaltamos assim, o caráter simbólico e de apropriação de sentidos dados a partir das experiências vividas, ainda que em ambientes virtuais, promovendo condições para que docentes e discentes possam se apropriar inteira e intensamente das oportunidades de crescimento e transformação de si e do meio em que vivem, apesar e em detrimento dos obstáculos que, por certo, continuarão a emergir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As categorias de análise foram elencadas a partir dos processos de isolamento e classificação dos elementos textuais comuns, presentes nas produções apresentadas, totalizando 140 unidades de registro (UR) apontadas no processo de codificação, ficando organizadas, distribuídas e visualizadas conforme o gráfico a seguir:

Gráfico 1: Distribuição das Unidades de Registro por Categoria. Elaboração: a autora.



Os dados categorizados são reveladores do olhar atento com que os(as) participantes vêm, acompanhando e vivenciando as muitas mudanças vividas em função da Covid-19, bem como todo impacto no ambiente escolar².

Olhar que revela as diferentes formas de percepção da pandemia e do ensino remoto, seja destacando o momento atípico vivido desde o

2 As falas dos(as) participantes foram mantidas na íntegra, tal qual apresentadas na produção textual solicitada.

surgimento do coronavírus, enfatizando as diferentes formas de rearranjos implementados nos distintos espaços de formação e convivência humana.

Atualmente, o mundo encontra-se em uma situação atípica: a pandemia da Covid-19. Por esse motivo, a sociedade vem passando por situações e adaptações em várias áreas, tais como: no trabalho, nas escolas, entre outras (A38).

Em meio a essa pandemia em que estamos vivendo, não podemos ir às escolas, o que resulta em termos que nos ver virtualmente, o que para uns é um grande problema (A12).

O espaço escolar virtual não é muito fácil, mas dá para se acostumar. Sempre é a mesma coisa, você acorda de manhã às 7h, se arruma e entra na sala virtual às 8h, indo até às 11h40. É meio difícil ficar olhando para uma tela durante 3 horas, mas é melhor do que ficar sem aulas. Em geral, as aulas são bem dinâmicas, com jogos e atividades interativas (A31).

Se a reinvenção da escola e do ensino escolar já vinha sendo pautada desde o final do Século XX e início de Século XXI por distintos teóricos (PIANGERS 2019; LIRA 2016; BACICH, NETO e TREVISANI 2015; ARROYO 2007, 2012; GARDNER 1999), o advento da pandemia fez emergir, em nosso país, uma urgência no sentido de reestruturação e redimensionamento do trabalho educacional e escolar a ser desenvolvido, estabelecendo e estreitando as conexões entre o projeto pedagógico escolar, as práticas docentes e o currículo adotado (PIANGERS, 2019).

Sob o olhar dos(as) participantes,

Desde que a pandemia da Covid-19 começou, todos tiveram que se adaptar à nova situação, obrigando todos a buscar novas soluções; foi a partir daí que a aula online se popularizou (A25).

As aulas remotas vieram como uma grande surpresa para todos, já que nunca esperaríamos que algo assim pudesse acontecer” (A6).

Um dos maiores problemas do ensino à distância é a solidão e o cansaço causado pela maçante rotina virtual, afinal você senta em uma cadeira e fica duas a três horas olhando para uma tela clara, o que além de poder prejudicar sua vista, pode cansar muito os olhos e a mente (A27).

Este novo período de aulas on-line trouxe muitas dificuldades, pois como na internet há muitas coisas novas e meios de conversar, acabamos parando de prestar atenção nas

aulas e nos colegas, por isso, devemos tentar nos concentrar mesmo que seja difícil por causa de tudo o que a internet tem a oferecer. (A35).

A forma impactante com que, gradualmente, foi sendo assimilada a disseminação e a letalidade do coronavírus, bem como os protocolos de segurança para prevenção e redução do índice de contágio entre as pessoas, favoreceu que novas formas de estar junto e conviver fossem estruturadas, particularmente no cotidiano escolar.

Uma boa convivência escolar é fundamental para um bom relacionamento entre colegas e professores. Convivência significa vida em comum, contato diário ou frequente, e isso se vê muito nas salas de aula no Brasil inteiro (A16).

Conviver com os colegas de classe no modo remoto é bem mais difícil do que no modo presencial, é mais difícil se comunicar e criar laços com as pessoas quando você não está vendo-as elas, por mensagem de texto ou de voz (A2).

Neste momento, em que a maioria das escolas está no formato remoto de ensino, é necessário se ter cautela, principalmente na convivência dos alunos para com os professores e vice-versa (A13).

Eu e alguns amigos de turma estamos tendo dificuldades na convivência das aulas remotas e nas atividades (A39).

O mais importante no convívio escolar é entender que é saudável e importante conviver com as diferenças (A3).

Conforme destaca Ximenes (2013, p.83), “a escola configura-se, em nossa realidade contemporânea, como um espaço de convivência, de trocas, de encontros e de muitos conflitos pessoais e intersubjetivos”, sendo desafiada cotidianamente a consolidar “como meta educacional a formação humana e o desenvolvimento integral do indivíduo no contexto das sociedades complexas e plurais, mediante a experiência reflexiva e interativa que é a educação do ser humano” (*idem*, p.87-88).

Seguindo as considerações de Rovere (2009, p.45), a configuração de novos caminhos e de novos rumos para a escola deverá pautar-se na ressignificação do que seja “ensinar, aprender e praticar a arte de compreender o mundo, de compreender o outro e de compreender a si mesmo, [...] tomar consciência do valor dos valores em nossas práticas diárias para que sejam coerentes com os discursos proferidos”.

O espaço escolar, presencial ou remoto, possibilita aos estudantes diferentes aprendizagens, sendo destacado como fundamental para uma boa

convivência, uma atenção cuidadosa aos modos de ser e agir que, mediado por valores significativos, estimula e consolida formas de encontro e descobertas no aprender diário do conviver virtual:

Respeito, honestidade, confiança e empatia são alguns tópicos para uma convivência saudável. Entretanto, na forma online, o modo de impor esses tópicos será diferente da presencial; além do mais, são formas diferentes de interação, uma forma diferente de convivência (A22).

Mas vamos respeitar a fala do colega, espere ele terminar e depois chegará sua vez. Vamos nos unir à distância! (A10).

Também é importante lembrar que a empatia e o respeito são a base da boa convivência, então não se deve fazer com o outro o que não gostaria que fizessem contigo e entender os limites das pessoas (A32).

Respeito. Só isso, só basta respeitar o outro, a cor da sua pele, sua aparência, sua religião, seus gostos, sua cultura (A50).

Ainda, na perspectiva dos(as) participantes do estudo, as experiências vividas no espaço escolar ganham representações que mobilizam a evocação de memórias afetivas e valorosas sobre as rotinas vividas em tal contexto:

Com tanto tempo que passamos na escola, temos uma convivência tão grande entre as pessoas que estão lá que vira amizade, amor e sentimento!” (A56).

Não existe mais a famosa hora do recreio, ela vai voltar, mas enquanto ela não volta, a gente morre de saudade dela e da nossa convivência que ocorria na hora do recreio (A2).

O espaço escolar virtual certamente é um pouco difícil, agora podemos perceber que aquelas conversas cara-a-cara eram tão boas. Claro, existem várias formas de se comunicar virtualmente, mas não é a mesma coisa. (A17).

Na sala de aula comum, com todos nas suas cadeiras, é comum ter bagunça, às vezes trabalhos em grupos na sala, conversas discretas e mais. Porém, com as aulas on-line acabou tudo, os trabalhos são on-line, agora não podemos combinar fazer na casa do outro e quando terminar brincar de pique esconde ou, sei lá, com o amigo do trabalho (A21).

Antes de tudo isso, nós estudantes víamos os professores e colegas, íamos à escola todos os dias, com pausa apenas nos fins de semana, feriados ou talvez quando a gente não podia ou ficava doente. (A30).

Essa compreensão sobre o conviver no ambiente escolar, mesmo que virtual, sugere que algumas atitudes precisam ser combatidas e/ou refletidas com ações coletivas de acolhimento às diferenças e de exercício da escuta:

Existem muitas coisas que devem ser evitadas nas aulas virtuais, entre elas, o cyberbullying, o desrespeito e conversar coisas que não são relacionadas de nenhuma forma ao assunto da aula (A5).

Na escola, encontramos diversos problemas que dificultam a convivência no ambiente escolar, tais como: xingamentos e falta de respeito e empatia com os colegas de classe que geram, às vezes, debates ou situações desagradáveis que não são educativas e nem apropriadas para o ambiente escolar (A19).

Embora os alunos procurem ter um bom convívio na sala, alguns problemas ainda são frequentes, como pessoas atrapalhando a fala de outros, a falta de um debate tranquilo e respeitoso, o desrespeito perante a dúvida alheia, entre outros (A8).

Muitas vezes no espaço escolar, existem brigas, intrigas, e muito mais; isso não é muito agradável em um local onde há várias pessoas diferentes (A20).

Reconhecer o espaço escolar enquanto espaço de tensionamento e de acolhimento às diferenças, reafirma, conforme Rovere (2009, p.39), que “a escola nunca foi tão democrática, tão inclusiva (apesar das exclusões camufladas), tão participativa, tão aberta ao diálogo, distanciando-se cada vez mais do jugo de regras apoiadas na repressão.” É também valorizar a interação entre os diferentes saberes que em suas complexidades dialogam, cada vez mais, a partir de visões e práticas inter, multi e transdisciplinares, sinalizando, dentro de uma perspectiva curricular, “uma preocupação ética e aplicabilidade social, pois só assim a sociedade será transformada para seu benefício próprio” (LIRA, 2016, p.76).

Fato relevante, tem sido a emergência de variados aspectos do cotidiano que têm sido incorporados aos componentes curriculares, um dos quais fazendo recorrente referência ao sofrimento psíquico trazido, particularmente neste momento pandêmico, pelo distanciamento social e reafirmado por esse formato de ensino remoto, que tem se prolongado em função das condições de insegurança e das exigências ao cumprimento de medidas sanitárias vigentes:

A saúde mental é definitivamente mais influenciadora nos estudos do que não poder sair de casa. (A6).

Enfim, o cansaço causado pelo EAD pode ser contornado por aulas práticas, de casa mesmo, e/ou aulas mais intuitivas e interativas, não sendo tão maçantes. E a solidão pode ser contornada por grandes grupos de alunos ativos, que brincam, passam o conteúdo etc. (A27).

[...] com isso, a saúde mental dos estudantes com toda a pandemia, o cansaço mental, a baixa autoestima, pode deixar os estudantes sem motivação até para fazer as atividades. (A54).

Compreendemos assim que a promoção da formação humana no espaço escolar, mesmo no âmbito virtual, articula elementos que são constitutivos e próprios de cada indivíduo, de sua singularidade, a exemplo de sua saúde mental, bem como a ação estruturante e transformadora dos vínculos relacionais estabelecidos com outras pessoas e, também, com objetos do ambiente natural, afetivo, social, histórico e cultural (XIMENES, 2013).

Conforme o entendimento de Bacich, Neto e Trevisani (2015, p.41), “a integração das tecnologias digitais na educação precisa ser feita de modo criativo e crítico, buscando desenvolver a autonomia e a reflexão dos seus envolvidos, para que eles não sejam apenas receptores de informações.” Muito pelo contrário, que possam instigar docentes e estudantes em busca de aprendizagens que sejam significativas, através de situações didáticas desafiadoras, propostas em um novo ambiente, híbrido e ressignificado.

No que tange ao domínio e à apropriação de uso de recursos e equipamentos de acesso à internet, pertinentes ao ensino remoto, ficam evidentes as dificuldades de estudantes e docentes, que tem desencadeado significativos momentos de tensionamento e angústia, particularmente nos momentos síncronos, como assinalado abaixo:

Por conta da pandemia, as aulas por enquanto ainda são virtuais. Sendo virtuais, têm seus problemas (A7).

Em maioria, os professores e alunos têm certas dificuldades de manusear com os aparelhos eletrônicos, fazendo com que isso atrapalhe no ambiente de classe online. Um exemplo é a dificuldade de mexer com as ferramentas na plataforma, câmera, áudio, atividade, comunicação, etc. (A28).

Na questão da comunicação, está muito boa, mas vejo que alguns amigos têm muita dificuldade com a internet e, também, ao ligar a câmera e o áudio (A42).

Ou até dias de chuvas, que podem deixar alguma internet fraca, dificultando a entrada nas aulas; um dos problemas que os professores passam é a câmera, sem o professor ver as reações dos alunos, dificultando ver se o(a) estudante está entendendo a matéria, ou até mesmo prestando atenção nas aulas (A54).

Os espaços colaborativos de troca de informações, bem como a socialização de práticas apresentam-se no espaço virtual mediante o uso de tecnologias móveis e de redes, permitindo o aprofundamento de temas e o desenvolvimento de pesquisas que tenham como foco a aprendizagem.

Temos observado que o processo de ensinar e aprender no formato de ensino remoto pode ficar comprometido, bem como a qualidade da relação didático-pedagógica estabelecida, considerando que a dimensão relacional e interativa no/do referido processo constitui valor e princípios fundamentais. Algumas das variáveis acima citadas, particularmente a abertura do áudio e da câmera pelo(a) estudante, nas aulas síncronas, têm mobilizado inquietações dos(as) docentes e em parte significativa de estudantes, apresentando-se no ambiente escolar virtual como um dilema a ser superado mediante o diálogo e possíveis mediações e negociações entre as partes envolvidas. Assim, a busca de novas estratégias metodológicas que possibilitem a docentes e estudantes uma interlocução mais ativa e articulada ao conhecimento das diversas linguagens, às novas tecnologias e aos paradigmas educacionais vigentes, deve ser tecida como uma “rede de cordas bem fortes, presas pelos laços humanos do amor” (LIRA, 2016, p.117). Também, com base em planejamentos sistematizados que busquem redimensionar “todos os processos de organização do currículo, das metodologias, dos tempos e dos espaços” (MORAN, 2015, p.37).

Na visão de Allegretti et al. (2012, apud XIMENES 2018a, p.9), “a tecnologia móvel e a convergência das mídias desterritorializaram o espaço educacional institucionalizado, resignificaram os atores envolvidos na aprendizagem” incidindo diretamente no modo como a organização curricular e administrativa da escola se estruturam. O advento dos aparelhos móveis, a exemplo dos smartphones e tablets, favorece um redesenho no âmbito da educação, permitindo a conectividade entre distintos espaços e contextos, além do uso simultâneo de diferentes mídias. Em tal cenário, a educação formal e a escolar se expandem, rompendo com a rigidez dos tempos e programas curriculares que as têm caracterizado historicamente (XIMENES, 2018a).

No atual período histórico, o saber deverá ser holístico e não fragmentado a fim de que o aluno possa chegar a uma autorregulação de sua aprendizagem. A evolução do sistema educativo no mundo, pelo menos nestes vinte anos de nosso infante século, deverá passar da pura transmissão do conhecimento para uma crítica do mesmo, como também das meras tecnologias informacionais, para as “**tecnologias relacionais**” (LIRA, 2016, p.116).

Promovendo assim, significativas mudanças nos papéis e funções atribuídos aos (às) estudantes, particularmente, aos participantes desse estudo que, no intuito de colaborar com a situação vivida e visando a minimizar os problemas identificados, têm se colocado de forma ativa e efetiva como partícipe do processo formativo, sugerindo alternativas para a melhoria do ensino remoto mediado por tecnologias:

Uma das principais formas de combater essas dificuldades é através da conversa, que deve ser ensinada em sala de aula, para que tais alunos saibam resolver as problemáticas através do diálogo (A40).

Creio que uma possibilidade seria os professores investirem em jogos, vídeos, que fazem a aula mais chamativa, por exemplo. A turma também mostrou gostar de debates, que, por tanto acabam por ser outra opção para melhorar as aulas online (A17).

Aulas realmente interativas, debates, jogos, filmes, livros, trabalhos em grupo, creio que sejam a melhor alternativa de aprendizado nesse momento (A46).

Desse modo, importante ressaltar que o virtual reproduz o real no que tange à organização e estrutura das relações interpessoais estabelecidas, cabendo à escola rever a amplitude de sua função social, bem como a proposta de suas atividades acadêmicas, incluindo nelas a integração das dimensões básicas do(a) estudante no desenvolvimento da rotina acadêmica (XIMENES, 2013, 2018b). Além de criar condições para que os indivíduos possam se apropriar com toda inteireza das oportunidades de crescimento e transformação de si e do meio em que vivem (GARDNER, 1999).

Como sugere Ximenes (2018a, p.14), “essa perspectiva sinaliza para a configuração de um cenário no qual o educando se faz protagonista do seu processo de crescimento e da produção de um conhecimento que tem sentido e significado para a sua vida e seu cotidiano.” O que nos leva a considerar que “em um contexto assim definido, o discente desenvolve as

suas potencialidades para aprender, reconhecendo-se como sujeito histórico e social, singular e imerso numa teia de relações na qual se forma e se transforma continuamente” (*idem*), ao mesmo tempo que ao docente é demandada uma formação que favoreça o desenvolvimento e a apropriação de competências que atendam aos anseios da educação na atualidade.

Sob a ótica de Lira (2016, p.98), “o computador dá a informação, mas é o professor que faz a mediação, oferece sentidos aos conteúdos e ensina para a aplicação social com ética, a partir de valores que humanizam.”

Vem se configurando, assim, um modelo de educação híbrida a ser implementada nas unidades escolares, ganhando maior visibilidade nesse processo de transição do ensino remoto para o retorno do ensino presencial, à medida que os índices de contágio e óbito vêm diminuindo, indicando possível movimento de desaceleração da pandemia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, ressaltamos a postura ativa e dinâmica dos(as) estudantes participantes desse estudo, durante a experiência vivida, referente à implementação do ensino no formato remoto, no CAP, por ocasião da pandemia da Covid-19.

Aprender a conviver no espaço virtual da escola em tempos de pandemia tem sido um desafio diário e contínuo para toda a comunidade escolar que tem buscado superar as dificuldades inerentes ao saber fazer em um contexto não planejado, nem constituído para funcionar enquanto espaço de formação escolar, principalmente na educação básica.

Importante destacar que o processo de reinvenção da instituição escola, já em curso desde antes do advento da pandemia do coronavírus, precisará agregar à proposta formativa e humanizadora do espaço escolar, o repertório de experiências vividas durante o período pandêmico, buscando integrá-las às diretrizes educacionais propostas seja nos direcionamentos legislativos, seja nos projetos pedagógicos desenhados no interior das unidades de ensino, representadas neste estudo pelo CAP.

De modo abrangente, o impacto causado nas escolas de educação básica em função da Covid-19, o total desconhecimento quanto aos riscos e consequências do contágio e disseminação do coronavírus, a suspensão das atividades presenciais, além da imprevisibilidade do que fazer para a retomada das atividades letivas e escolares, imprimiram novos formatos e ritmos à realização das atividades didático-pedagógicas, alterando

significativamente o ensinar e o aprender no espaço da tradicional sala de aula.

Particularmente a tríade docente-estudante-conhecimento vem sendo redesenhada, ressignificando funções, propostas pedagógicas, espaços, tempos escolares que, mediante e a partir da inserção das tecnologias digitais, móveis e em rede, precisam estar ou ser integradas à organização da escola, fazendo conviver e dialogar com as muitas configurações e “misturas” próprias da educação, do ensino híbrido e do ambiente escolar.

O olhar dos(as) participantes sobre o advento da pandemia e a implementação do ensino remoto no CAP, tanto evidencia quanto projeta, dentre outros aspectos: (a) as dificuldades encontradas quanto ao uso dos recursos tecnológicos e das metodologias ativas em sala de aula, implementados pela urgência da retomada das atividades letivas; (b) as múltiplas possibilidades de interações sociais no ambiente virtual, em que as partes se posicionam de forma ativa, solidária, democrática e colaborativa; (c) a necessária tomada de consciência no sentido da promoção de mudanças de condutas que acolham as diferenças e a diversidade no âmbito escolar, ampliando o espaço do diálogo, reconfigurando o aprender a conhecer e a fazer, bem como o aprender a ser e a conviver.

Pensar uma proposta pedagógica que problematize os muitos temas que atravessam os saberes disciplinares e que demande uma revisão sistemática das muitas teorias, experiências e argumentos pedagógicos que subsidiem até o momento o ensino presencial e a educação escolar, configura-se inadiável. Não podemos relativizar o fato de que, na atualidade, a escola de educação básica agrega número mais crescente de alunos “nativos digitais”, cuja interação e convivência desafiará cada vez mais os docentes, em seu processo de formação continuada, a apropriar-se das linguagens no sentido da inovação tecnológica e das metodologias ativas, como suporte à prática docente, em suas múltiplas conexões, frente aos desafios do chamado ensino híbrido.

A interação e a convivência no ambiente escolar virtual tendem a se modificar gradativamente por ocasião do período pandêmico, instituindo novas modalidades de saberes e fazeres, demandando o estabelecimento coletivo e democrático de uma organização curricular que acolha saberes e competências que atendam ao aprendizado humano em sua totalidade e integralidade.

Muitas são as possibilidades de desdobramentos do estudo apresentado, considerando a relevância da temática em um contexto de pandemia,

as múltiplas conexões da escola na atualidade: seja com o tempo presente do aqui e do agora, com a experiência coletiva frente a novos protocolos de conduta, seja entre os sujeitos ativos e atuantes na promoção do conhecer e do fazer, do ser e estar no mundo de relações estabelecidas, seja refletindo e atuando em prol da superação dos limites e obstáculos impostos pela realidade histórica na qual o indivíduo e a escola encontram-se inseridos.

Por fim, ratificamos o olhar atemporal de dois jovens participantes que apontam a dimensão formativa da educação pautada em valores e experiências vividas, quando afirmam que “aprender a conviver na escola, é um ato de responsabilidade!” (A20) e que, em referência à pandemia da Covid-19, “pelo lado bom, isso ficará para sempre em nossas lembranças e no futuro lembraremos de toda essa loucura que aconteceu e teremos história para contar” (A29).

REFERÊNCIAS

ARROYO, M.G. **Imagens Quebradas** – trajetórias e tempos de alunos e mestres. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BACICH, L.; NETO, A. T.; TREVISANI, F. M. (org.). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Penso, 2015. e-PUB.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70 - São Paulo: Martins Fontes, 1977.

BARROS, J.B.; ROSA, A.L.T.; XIMENES, L.M.S.; DINIZ, M.G. Caminhos para Consolidação da Política de Educação Especial e Inclusiva na Escola: análise de uma proposta de trabalho para criação do núcleo de acessibilidade e inclusão. In: **Educação no Século XXI** - Volume 18 – Especial, Inclusiva/Organização: Editora Poisson Belo Horizonte - MG: Poisson, 2019.

DELORS, J. (org.). **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da

Comissão Internacional sobre educação para o século XXI. 8a ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC: UNESCO, 2003.

FRANCO, M.L.P.B. **Análise de Conteúdo**. 3ed. Série Pesquisa; v.6. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

GARDNER, H. **O Verdadeiro, o Belo e o Bom – os princípios básicos para uma nova educação**. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

GADOTTI, M. **A Escola dos Meus Sonhos**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2019.

LIRA, B. C. **Práticas Pedagógicas para o Século XXI – a sociointeração digital e o humanismo ético**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

MORAN, J. Educação Híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje. In: BACICH, L.; NETO, A. T.; TREVISANI, F. M. (org.). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Penso, 2015. e-PUB.

PIANGERS, M. e BORBA, G. **A escola do futuro: o que querem (e precisam) alunos, pais e professores**. Porto Alegre: Penso, 2019.

POLICARPO JUNIOR, J. **Sobre a Concepção de Formação Humana - um diálogo entre o campo educacional e a tradição budista**. Recife, 2006, CD-ROM. [Apresentação no III Encontro de Filosofia da Educação do Norte e Nordeste - Filosofia e Formação Humana. Recife, 2006.

Projeto Pedagógico do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco (CAp-UFPE), v.2, 2016.

RIGAL, L. A escola crítico-democrática: uma matéria pendente no limiar do século XXI. In: IMBERNÓN, F. (org.) **A Educação no Século XXI: os desafios do futuro imediato**. Trad. Ernani Rosa. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

ROVERE, Maria Helena M. **Escola de Valor: Significando a vida e a arte de educar**. São Paulo: Ed. Paulus, 2009.

SILVA, R. A. e CAMARGO, A. L. A Cultura Digital na Era Escolar: o impacto da aceleração tecnológica na relação professor-aluno, no currículo e na organização escolar. In: BACICH, L.; NETO, A. T.; TREVISANI, F. M. (org.). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Penso, 2015. e-PUB.

XIMENES, L.M.S. **A Promoção da Formação humana no Processo de Formação Acadêmica do Educador.** Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE. Orientador; Prof. Dr. José Policarpo Junior. Recife (PE), 2013.

_____. O uso de ambientes virtuais de aprendizagem no espaço escolar: os desafios à formação humana e à prática docente na atualidade. In: ROSA, Adriana Letícia Torres da; CARMO, Erinaldo Ferreira do (Organizadores). **Formação inicial do professor [recurso eletrônico]: ensino, pesquisa e extensão na educação básica**, p. 8-37. (Coleção Livro Texto 2018). Recife: Ed. UFPE, 2018a.

_____ e POLICARPO JUNIOR. J. As Diretrizes para a Educação Nacional e os Desafios da Formação Humana no Espaço Acadêmico-Escolar. In: ROSA, A.L.T.; XIMENES, L.M.S.; DINIZ, M.G (org.) **Formação Docente – o espaço escolar como campo de investigação e inovação pedagógica.** Recife (PE): Ed. UFPE, 2018b.